

Seguro o cantil entre as mãos apesar de o calor do chá há muito se ter dissipado no ar gélido. Tenho os músculos retesados contra o frio. Se aparecesse uma matilha de cães selvagens neste momento, as probabilidades de conseguir escalar a uma árvore antes de eles atacarem não seriam muito grandes. Devia levantar-me, dar uma volta e soltar a rigidez dos membros. Em vez disso, fico sentada, tão imóvel como a rocha por baixo de mim, enquanto a alvorada começa a iluminar o bosque. Não posso lutar contra o sol. Impotente, vejo-o a arrastar-me para um dia que ando a temer há meses.

Ao meio-dia estarão todos na minha nova casa na Aldeia dos Vencedores. Os jornalistas, as equipas de filmagem, até a Effie Trinket, a minha velha acompanhante, já terão chegado ao Distrito 12, vindos do Capitólio. Só queria saber se a Effie ainda terá aquela ridícula peruca cor-de-rosa, ou se ostentará outra cor antinatural especialmente para o Passeio da Vitória. Haverá também outras pessoas à espera. Empregados para atender a todas as minhas necessidades durante a longa viagem de comboio. Uma equipa de preparação para me embelezar para as apresentações públicas. O meu estilista e amigo, o Cinna, que desenhou o fato deslumbrante que levou o público a reparar em mim pela primeira vez nos Jogos da Fome.

Se dependesse de mim, tentaria esquecer por completo os Jogos da Fome. Nunca falaria deles. Fingiria que eram apenas um pesadelo. No entanto, o Passeio da Vitória torna isso impossível. Realizado estrategicamente quase a meio dos Jogos anuais, é a forma de o Capitólio manter vivo e imediato o horror. Nos distritos somos não só obrigados a recordar todos os anos o domínio de ferro do Capitólio mas também a celebrá-lo. E este ano eu sou uma das estrelas do espectáculo. Terei de viajar de

distrito em distrito, de me apresentar diante de multidões que aplaudem mas secretamente me abominam, de olhar para os rostos das famílias cujos filhos matei...

O Sol teima em erguer-se, por isso obrigo-me a levantar-me. Todas as minhas articulações se queixam. A perna esquerda esteve dormente durante tanto tempo que preciso de vários minutos de marcha para voltar a senti-la. Estou no bosque há três horas, mas como não fiz qualquer tentativa a sério de caçar, não tenho nada para mostrar. Isso já não importa, para a minha mãe e para a minha irmãzinha, a Prim. Elas podem comprar carne no talho da cidade, se bem que nenhuma de nós a prefira à carne de caça fresca. No entanto, o meu melhor amigo, o Gale Hawthorne, e a família dele, estarão a contar com a caça de hoje e não posso desiludi-los. Início a árdua jornada de hora e meia que me levará a percorrer a nossa linha de armadilhas. Quando andávamos na escola, tínhamos tempo à tarde para inspeccionar a linha, para caçar e colher ervas e ainda voltar a tempo para trocar tudo na cidade. Mas agora que o Gale foi trabalhar para as minas de carvão — e eu não tenho nada para fazer o dia inteiro — assumi sozinha essa tarefa.

Por esta altura o Gale já terá entrado nas minas, feito a descida arrepiante de elevador para as profundezas da terra e começado a escavar um jazigo carbonífero. Sei como é lá em baixo. Todos os anos na escola, como parte da nossa formação, a minha turma tinha de visitar as minas. Nos primeiros anos, a visita era simplesmente desagradável. Os túneis claustrofóbicos, o ar viciado, a escuridão sufocante de todos os lados. Depois de o meu pai e vários outros mineiros terem morrido numa explosão, porém, eu mal conseguia entrar no elevador. A visita anual tornou-se uma enorme fonte de ansiedade. Por duas vezes fiquei tão doente na véspera que a minha mãe me reteve em casa porque julgava que eu tinha apanhado uma gripe.

Penso no Gale, que só se sente verdadeiramente vivo no bosque, com o ar fresco, a luz do sol e a água limpa a correr. Não sei como ele aguenta. Bem... sei, sim. Ele aguenta porque é a única maneira de sustentar a mãe e os dois irmãos mais novos e a irmã. E aqui estou eu com rios de dinheiro, muito mais do que o suficiente para alimentar as nossas duas famílias, e ele recusa-se a aceitar uma única moeda. Até lhe custa deixar-me levar-lhes a carne de caça, embora eu saiba que ele certamente manteria a minha mãe e a Prim bem abastecidas se eu tivesse morrido nos Jogos. Digo-lhe que me está a fazer um favor, que enlouqueço se tiver de estar o dia inteiro sem fazer nada. Mesmo assim, nunca vou entregar a caça quando ele está em casa. O que não é difícil, visto que trabalha doze horas por dia.

A única altura em que realmente consigo estar com o Gale agora é ao domingo, quando nos encontramos no bosque para caçar. Continua a ser

o melhor dia da semana, mas já não é como dantes, quando podíamos contar tudo um ao outro. Até isso os Jogos conseguiram estragar. Ainda tenho esperanças de que com o passar do tempo recuperaremos o à-vontade que existia entre nós, mas parte de mim sabe que isso é impossível. Não podemos voltar atrás.

Consigno uma boa captura das armadilhas — oito coelhos, dois esquilos e um castor que nadou para dentro de uma engenhoca de arame inventada pelo próprio Gale. Ele é um perito em armadilhas, ligando-as a arbustos torcidos que puxam a presa para fora do alcance dos predadores, equilibrando toros sobre delicados gatilhos de ramos secos, tecendo cestos estanques para apanhar peixe. Enquanto recolho a caça, voltando a montar com cuidado cada armadilha, reconheço que nunca terei a percepção de equilíbrio do Gale, nem a sua capacidade de adivinhar o caminho que a presa irá tomar. É mais do que experiência. É um dom natural. Como a minha capacidade de acertar num animal com uma flecha na escuridão quase absoluta.

Quando volto para a vedação que rodeia o Distrito 12, o Sol já vai bem alto. Como sempre, fico um momento à escuta, mas não oiço o zumbido denunciador de corrente eléctrica que atravessa o arame. Quase nunca o oiço, embora a vedação devesse estar electrificada a tempo inteiro. Enfio-me pela abertura na base da vedação e saio no Prado, a uma pequena distância da minha casa. Da minha velha casa. Continuamos a mantê-la, uma vez que é a residência oficial da minha mãe e da minha irmã. Se eu morresse neste instante, elas teriam de voltar para lá. Actualmente, porém, estão ambas felizmente instaladas na nova casa na Aldeia dos Vencedores, e eu sou a única a frequentar a casinha baixa onde fui criada. Para mim, é a minha verdadeira casa.

Vou para lá agora para trocar de roupa. Trocar o velho casaco de pele do meu pai por um fino casaco de lã que me parece sempre apertado nos ombros. Trocar as botas de caça macias e gastas por um par de sapatos caros feitos à máquina que a minha mãe considera mais apropriados para alguém da minha categoria. O meu arco e as flechas ficaram escondidos num tronco oco no bosque. Embora já se faça tarde, reservo alguns minutos para me sentar na cozinha. Tem um ar abandonado, sem fogo na lareira, sem toalha na mesa. Sinto falta da minha velha vida neste lugar. Mal conseguíamos sobreviver, mas sabia onde me encaixava, sabia qual era o meu lugar no contexto bem definido que era a nossa vida. Gostava de poder voltar para ela porque, retrospectivamente, parece tão segura comparada à minha vida actual, em que sou tão rica e famosa e odiada pelas autoridades no Capitólio.

Um gemido junto à porta das traseiras chama-me a atenção. Abro-a e encontro o *Ranúnculo*, o velho gato rafeiro da Prim. Ele detesta a nova

casa quase tanto como eu e sai sempre quando a minha irmã está na escola. Nunca gostámos muito um do outro, mas agora temos esta nova ligação. Deixo-o entrar, dou-lhe um bocado de banha de castor e até lhe faço umas festas entre as orelhas. — Tu és horrível, sabes isso, não sabes? — pergunto-lhe. O *Ranúnculo* encosta-se à minha mão, pedindo mais festas, mas temos de ir. — Anda — Pego-o com uma mão, agarro o saco de caça com a outra e levo os dois para a rua. O gato solta-se e desaparece debaixo de um arbusto.

Ao caminhar pela rua cinzenta, sinto os sapatos trilhar-me os dedos dos pés. Corto caminho através de becos e quintais das traseiras e em cinco minutos estou em casa do Gale. A mãe dele, a Hazelle, inclinada sobre o lava-loiça, vê-me através da janela. Ela seca as mãos no avental e desaparece para me receber à porta.

Gosto da Hazelle. Respeito-a. A explosão que matou o meu pai levou-lhe também o marido, deixando-a com três rapazes e um bebé prestes a nascer. Menos de uma semana após dar à luz, estava na rua à procura de trabalho. Com um bebé para cuidar, trabalhar nas minas estava fora de questão, mas ela conseguiu arranjar roupa para lavar de alguns comerciantes na cidade. Aos catorze anos, o Gale, o mais velho dos filhos, tornou-se o principal sustento da família. Ele já estava inscrito para receber as tésseas, que lhes davam direito a uma escassa provisão de cereais e óleo à custa de um maior número de registos do seu nome no sorteio para tributo. Além disso, já nessa altura, ele era um caçador habilidoso. Contudo, isso não bastava para manter uma família de cinco. A Hazelle tinha de esfolar os dedos naquela tábua de lavar roupa. No Inverno, ficava com as mãos tão vermelhas e gretadas que sangravam à mais pequena irritação. E continuariam em ferida se não fosse a pomada que a minha mãe lhe arranjou. Mas eles estão decididos, a Hazelle e o Gale, a que os outros rapazes, o Rory, de doze anos, e o Vick, de dez anos, e a bebé de quatro anos, a Posy, nunca tenham de se inscrever para as tésseas.

A Hazelle sorri quando vê a caça. Pega no castor pela cauda, avaliando-lhe o peso. — Vai dar um belo guisado. — Ao contrário do Gale, ela não vê qualquer problema com o nosso acordo de caça.

— A pele também é boa — comento. É reconfortante estar com a Hazelle. Avaliando os méritos da caça, como sempre fazemos. Ela serve-me uma caneca de chá de ervas, que seguro com gratidão entre os dedos gelados. — Sabe, estive a pensar, quando voltar do Passeio, podia levar o Rory comigo para o bosque. De vez em quando, depois da escola. Para ensiná-lo a caçar.

A Hazelle acena que sim. — Isso seria bom. O Gale queria fazê-lo, mas só tem o domingo, e eu acho que ele gosta de guardar esse dia para ti.

Não consigo impedir o rubor que me invade as bochechas. É uma estupidéz, claro. Quase ninguém me conhece tão bem como a Hazelle. Conhece a ligação que tenho com o Gale. Estou certa de que muitas pessoas achavam que nos acabaríamos por casar, apesar de eu nunca ter pensado muito no assunto. Mas isso foi antes dos Jogos. Antes de o meu colega tributo, o Peeta Mellark, ter anunciado que estava loucamente apaixonado por mim. O nosso romance tornou-se uma estratégia fundamental para a nossa sobrevivência na arena. Só que para o Peeta não era apenas uma estratégia. Não sei bem o que foi para mim, mas hoje sei que foi muito difícil para o Gale. Sinto um aperto no peito ao pensar que, durante o Passeio da Vitória, eu e o Peeta teremos novamente de nos apresentar como amantes.

Bebo rapidamente o chá, apesar de estar demasiado quente, e levanto-me da mesa. — É melhor ir andando. Tenho de me pôr apresentável para as câmaras.

A Hazelle abraça-me. — Aproveita bem a comida.

— Certamente — respondo.

A minha paragem seguinte é no Forno, onde costumo fazer a maior parte das minhas trocas. Antigamente era um armazém para guardar carvão mas, quando caiu em desuso, tornou-se um local de encontro para comerciantes ilegais e depois um mercado negro a tempo inteiro. Se atraí alguns elementos criminosos, então suponho que eu seja um deles. Caçar no bosque que rodeia o Distrito 12 infringe pelo menos uma dúzia de leis e é punível com a morte.

Sinto-me em dívida em relação às pessoas que frequentam o Forno, embora elas nunca falem disso. O Gale contou-me que a Greasy Sae, a velhota que vende sopa, organizou um peditório para me patrocinar e ao Peeta durante os Jogos. Era para ser apenas uma coisa do Forno, mas outras pessoas souberam disso e quiseram contribuir. Não sei exactamente quanto recolheram, mas o preço de qualquer oferta na arena era exorbitante. Tanto quanto sei, poderá ter feito a diferença entre a minha vida e a morte.

Continua a ser estranho abrir aquela porta da frente com um saco de caça vazio, sem nada para trocar, e sentir em vez disso o peso das moedas no bolso contra a coxa. Tento passar pelo maior número de bancas, distribuindo as minhas aquisições de café, pães-de-leite, ovos, fio de algodão e óleo. Depois de alguma reflexão, compro três garrafas de aguardente a uma mulher maneta chamada Ripper, vítima de um acidente na mina, que teve a esperteza suficiente para arranjar uma maneira de sobreviver.

O álcool não é para a minha família. É para o Haymitch, que foi meu mentor e do Peeta nos Jogos. Ele é intratável, violento e está quase sempre bêbedo. No entanto, cumpriu a sua missão — mais do que isso até,

porque pela primeira vez na história, dois tributos puderam vencer os Jogos. Por isso, seja ele o que for, também lhe estou a dever. E para sempre. Compro a aguardente porque há umas semanas ele ficou sem reserva e não havia mais à venda e por causa da abstinência começou a tremer e a gritar contra coisas terríveis que só ele conseguia ver. Pregou um susto de morte à Prim e, para ser sincera, também não foi muito divertido para mim vê-lo assim. Desde então tenho estado a armazenar bebida no caso de haver outra crise.

O Cray, o nosso Comandante dos Soldados da Paz, franze o sobrolho quando me vê com as garrafas. É um homem mais velho com alguns fios de cabelo grisalho penteados de lado sobre o rosto vermelho vivo. — Isso é muito forte para ti, miúda. — Ele devia saber. Depois do Haymitch, não conheço ninguém que beba mais.

— Ah, a minha mãe usa-a para os remédios — explico num tom descontraído.

— Bem, é capaz de matar quase tudo — afirma o Cray, batendo com uma moeda no balcão para comprar uma garrafa.

Quando chego à tenda da Greasy Sae, sento-me em cima do balcão e peço uma tigela de sopa, que parece uma mistela de abóbora e feijão. Enquanto estou a comer, chega um Soldado da Paz chamado Darius para comprar uma tigela. No que toca a agentes de segurança, ele é um dos meus preferidos. Nunca abusa da sua autoridade e está sempre pronto para o gracejo. Deve ter vinte e poucos anos, mas não parece muito mais velho do que eu. Qualquer coisa no seu sorriso, no cabelo ruivo espetado, dá-lhe um ar de rapaz.

— Não devias estar num comboio? — pergunta-me.

— Vêm buscar-me ao meio-dia — respondo.

— E não devias estar mais apresentável? — acrescenta ele, num sussurro alto. Não posso deixar de sorrir à provocação, apesar do meu estado de espírito. — Talvez uma fita no cabelo ou coisa parecida? — Ele abana-me a trança e eu afasto-lhe a mão.

— Não te preocupes. Quando acabarem de me arranjar, estarei irreconhecível.

— Ótimo — declara o Darius. — Vamos lá mostrar algum orgulho pelo distrito, para variar, Senhorita Everdeen. Hem? — Ele abana a cabeça para a Greasy Sae, fingindo-se indignado, e afasta-se para se juntar aos amigos.

— Quero essa tigela de volta — berra-lhe a Greasy Sae, mas como se está a rir, não parece muito severa. — O Gale vai despedir-se de ti? — pergunta-me.

— Não. Não estava na lista — respondo. — Mas estive com ele no domingo.

— Era de supor que estivesse na lista. Afinal é teu primo — insiste ela com ironia.

É apenas mais uma mentira que o Capitólio inventou. Quando eu e o Peeta nos encontramos entre os últimos oito tributos nos Jogos, eles enviaram jornalistas ao Distrito 12 para fazerem reportagens sobre as nossas vidas. Quando quiseram saber dos meus amigos, toda a gente indicou o Gale. Não entanto, com o romance que se desenrolava na arena, não ficava bem que o meu melhor amigo fosse o Gale. Ele era demasiado bonito, demasiado masculino, e incapaz de sorrir e ser agradável para as câmaras. Mas somos de facto bastante parecidos. Temos aquela aparência do Jazigo. Cabelo escuro liso, tez morena, olhos cinzentos. Então um génio qualquer transformou-o no meu primo. Só soube disso ao voltar, no cais da estação de comboios, quando a minha mãe disse: «Os teus primos estão ansiosos por te ver!» Depois voltei-me e vi o Gale, a Hazelle e os miúdos todos à minha espera. Que podia fazer senão entrar no jogo?

A Greasy Sae sabe que não somos primos, mas parece que mesmo algumas pessoas que nos conhecem há anos já se esqueceram.

— Mal posso esperar que tudo isto acabe — sussurro.

— Eu sei — diz a Greasy Sae. — Mas tens de aguentar, para chegares ao fim. É melhor não te atrasares.

Começa a cair uma neve fina quando me dirijo para a Aldeia dos Vencedores. Fica a cerca de um quilómetro da praça do centro da cidade, mas parece um outro mundo. É um complexo separado construído em volta de um belo relvado salpicado de arbustos em flor. São doze casas, cada uma dez vezes maior do que aquela em que fui criada. Nove estão vazias, como sempre estiveram. As outras três pertencem ao Haymitch, ao Peeta e a mim.

As casas habitadas pela minha família e pelo Peeta irradiam um brilho de vida e calor. Janelas iluminadas, fumo a sair das chaminés, ramos de trigo pintados de cores vivas e afixados às portas da frente anunciando o próximo Festival das Colheitas. A casa do Haymitch, porém, apesar dos cuidados do guarda da aldeia, exsuda um ar de abandono e desleixo. Encho-me de coragem à entrada, sabendo que a visita será desagradável, empurro a porta e entro.

Imediatamente torço o nariz, repugnada. O Haymitch não deixa ninguém entrar para lhe limpar a casa e ele próprio fá-lo muito mal. Ao longo dos anos, os cheiros a álcool e vômito, couve cozida e carne queimada, roupa suja e excrementos de rato misturaram-se num cheiro pestilento que me traz lágrimas aos olhos. Abro caminho por entre restos de embalagens vazias, vidros partidos e ossos para onde sei que encontrarei o Haymitch. Está sentado à mesa da cozinha, com os braços estendidos sobre a madeira e a cara num charco de álcool, ressonando estrondosamente.

Abano-lhe o ombro. — Acorda! — grito, porque já aprendi que não há maneira subtil de o acordar. Ele pára de ressonar por um momento, inquisitivo, e depois recomeça. Empurro-o com mais força. — Acorda, Haymitch. É o dia do Passeio! — Abro a janela, inalando golfadas de ar limpo do exterior. Os meus pés vasculham o lixo no chão, descubro uma cafeteira de estanho e encho-a de água no lava-loiça. O fogão não está completamente apagado e consigo atiçar algumas brasas. Deito um pouco de café moído na cafeteira, o suficiente para garantir que o resultado será bom e forte, e coloco-a no fogão para ferver.

O Haymitch continua morto para o mundo. Como mais nada resultou, encho uma bacia com água gelada, despejo-a na cabeça dele e afastome rapidamente. Um ruído gutural e animalesco sai-lhe da garganta. Ele dá um salto, lançando a cadeira para trás e empunhando uma faca. Esqueci-me de que ele dorme sempre com a faca na mão. Devia tê-la arrancado dos dedos, mas tenho tido muito em que pensar ultimamente. Cuspindo blasfêmias, ele desfere vários golpes no ar durante uns momentos antes de cair em si. Limpa a cara à manga da camisa e volta-se para o peitoril da janela onde estou empoleirada, no caso de precisar de sair à pressa.

— Que estás a fazer? — resmunga o Haymitch.

— Pediste-me para te acordar uma hora antes de as câmaras chegarem — respondo.

— O quê? — pergunta ele.

— A ideia foi tua — insisto.

Ele parece lembrar-se. — Porque estou todo molhado?

— Não conseguia acordar-te — explico. — Olha, se querias ser aparicado, devias ter pedido ao Peeta.

— Pedido o quê? — Apenas o ruído da sua voz torce-me o estômago num nó de emoções desagradáveis como culpa, tristeza e medo. E saudade. Tenho de admitir que também há um pouco disso. Só que tem demasiada concorrência para poder sobressair.

Observo o Peeta a aproximar-se da mesa, com a luz do sol que entra pela janela reflectindo-se na neve fresca sobre o seu cabelo louro. Ele parece forte e saudável, tão diferente do rapaz doente e faminto que conheci na arena, e agora mal se repara no seu coxear. Ele coloca um pão fresco em cima da mesa e estende a mão ao Haymitch.

— Pedido para me acordar sem me causares uma pneumonia — responde o Haymitch, entregando a faca. Depois tira a camisa suja, revelando uma camisa interior igualmente sebosa, e esfrega-se com a parte seca.

O Peeta sorri e molha a faca do Haymitch com um pouco de aguardente de uma garrafa no chão. Limpa a lâmina na fralda da camisa e corta

o pão em fatias. O Peeta abastece-nos a todos de pão e bolos frescos cozidos no forno. Eu caço. Ele coze. O Haymitch bebe. Temos os nossos próprios meios de nos mantermos ocupados, de afastar as recordações do nosso tempo como concorrentes nos Jogos da Fome. Só depois de dar ao Haymitch o canto é que ele olha para mim pela primeira vez. — Queres um bocado?

— Não, já comi no Forno. Mas obrigada — respondo com uma voz que não parece a minha. É demasiado formal, como tem sido sempre que tenho falado com o Peeta desde que as câmaras acabaram de filmar o nosso feliz regresso a casa e retomámos as nossas vidas reais.

— De nada — responde ele, friamente.

O Haymitch atira a camisa para o meio da confusão. — Brr. Vocês os dois têm muito que ensaiar antes do espectáculo.

Ele tem razão, claro. O público estará à espera do par de namorados que ganhou os Jogos da Fome. Não de duas pessoas que mal conseguem olhar-se nos olhos. No entanto, só consigo dizer: — Vai tomar banho, Haymitch. — Depois volto-me na janela, salto para fora e atravesso o relvado para a minha casa.

A neve já começou a assentar e deixo um rasto de pegadas atrás de mim. Quando chego à porta da frente, paro para sacudir os sapatos antes de entrar. A minha mãe tem trabalhado dia e noite para deixar tudo perfeito para as câmaras. Não posso agora deixar-lhe pegadas no chão polido. Mal acabo de entrar quando a vejo, segurando-me o braço como se quisesse deter-me.

— Não se preocupe, vou tirá-los aqui — asseguro, deixando os sapatos no tapete.

A minha mãe solta um riso estranho e aspirado e tira-me o saco de caça carregado do ombro. — É apenas neve. Fizeste uma boa caminhada?

— Caminhada? — Ela sabe que eu estive no bosque metade da noite. Então reparo no homem atrás dela à entrada da cozinha. Basta olhar para o fato feito por medida e feições cirurgicamente aperfeiçoadas para perceber que é do Capitólio. Há qualquer coisa que não está bem. — Foi mais patinagem. Está a ficar mesmo escorregadio lá fora.

— Está cá uma pessoa para falar contigo — informa a minha mãe. Tem o rosto demasiado pálido e consigo ouvir a ansiedade que ela tenta esconder.

— Pensei que só chegassem ao meio-dia. — Finjo não reparar no estado dela. — O Cinna veio mais cedo para me ajudar a arranjar?

— Não, Katniss, é... — começa a minha mãe.

— Por aqui, faz favor, Senhorita Everdeen — diz o homem, apontando para o fundo do corredor. É estranho ser recebida assim na minha própria casa, mas sei que não devo fazer comentários.

Ao obedecer, lanço um sorriso tranquilizador à minha mãe por cima do ombro. — Provavelmente mais instruções para o Passeio. — Eles têm enviado toda a espécie de informações sobre o meu itinerário e o protocolo a seguir em cada distrito. Contudo, ao dirigir-me para a porta do escritório, que nunca sequer vi aberta até este momento, sinto o cérebro a acelerar. *Quem está aqui? O que é que eles querem? Porque é que a minha mãe está tão pálida?*

— Pode entrar — diz o homem do Capitólio, que me seguiu pelo corredor.

Rodo a maçaneta de latão polido e entro. O meu nariz detecta os aromas contrastantes de rosas e sangue. Um homem baixo de cabelo grisalho, que me parece vagamente familiar, está a ler um livro. Levanta um dedo, como se quisesse dizer, «Dê-me um momento», e depois volta-se. O meu coração pára.

Estou a encarar os olhos de serpente do presidente Snow.